



Tomás Quental Mota Vieira

Os que traíram a Calheta serão condenados pela História

Na campanha política relativa às últimas eleições autárquicas, o candidato do PSD à presidência da Câmara Municipal de Ponta Delgada, dr. Pedro do Nascimento Cabral, disse o seguinte, quanto à questão da Calheta de Pêro de Teive: “É necessária uma abertura à sociedade civil para se encontrar uma solução definitiva e estruturante para este local, pondo um projeto à aprovação dos munícipes. Pretendemos envolver cidadãos, instituições e movimentos cívicos, para que daí resulte um projeto que seja o mais consensual possível”. Leram bem, com certeza!

Seguindo o triste exemplo de um anterior presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, dr. José Manuel Bolieiro, igualmente do PSD e que não cumpriu nada quanto à Calheta apesar de muitas promessas, o dr. Pedro do Nascimento Cabral também não cumpriu nada do que prometeu. Uma vez eleito, esqueceu o que disse...

Efectivamente, não houve qualquer “abertura à sociedade civil para se encontrar uma solução definitiva e estruturante” para a Calheta, “pondo um projeto à aprovação dos munícipes”. Na verdade, “cidadãos, instituições e movimentos cívicos” foram ignorados, pelo que não foi possível “um projeto (...) o mais consensual possível”. Resultado: iniciaram-se os trabalhos para a construção de um monstruoso hotel por um privado no espaço público da Calheta conquistado ao mar.

Foi mantido, assim, o absurdo projecto que vinha de trás, em má hora aprovado e apresentado pelo anterior Governo Regional socialista, presidido pelo dr. Vasco Cordeiro e que preferiu agrandar a interesses imobiliários e financeiros, em vez de servir a população, que ambicionava - como, aliás, estava inicialmente previsto - para aquele local um amplo espaço de lazer, uma praça ou um jardim, sem mais mamarrachos à mistura. O PS, infelizmente e estranhamente, teve nesta matéria o apoio do PSD. Pois! PS e PSD muito unidos contra os interesses da população, como tem acontecido, de resto, em outras ocasiões e em outras matérias. Quando querem decidir dentro das suas estratégias e das suas lógicas, nunca suficientemente explicadas, aplicam o lamentável princípio de que a população só serve para votar e obedecer. Pobre e triste concepção de democracia!

Em todo o longo processo da Calheta - não isento de ilegalidades e atropelos - os partidos nunca anunciaram em campanhas eleitorais que iriam destruir a Calheta, que iriam concessionar a um privado o espaço público conquistado ao mar ou que queriam que ali fosse construído um hotel, entre outras medidas. Ninguém mandou eleitoralmente os políticos - ou parte deles - para as más ações que desencadearam e realizaram. Com certeza que a governação não pode nem tem que ser toda referendada, digamos assim, mas medidas dessa dimensão e desse alcance deveriam ser do conhecimento prévio dos eleitores.

Virem dizer que vai haver um espaço verde para fruição pública na Calheta é uma inverdade, porque parte ou mesmo a maior parte desse espaço verde ficará adstrito ao hotel que vai ser construído, sem poder ser usufruído pelo público. Eu quero recordar aqui e agora os muitos habitantes da velha Calheta que conheci, muitos dos quais já faleceram, mas as suas memórias deveriam merecer o maior respeito e a maior consideração. Na sua maioria pescadores e operários, mas principalmente pescadores, eles e as respectivas famílias trabalharam, serviram, amaram e preservaram a Calheta durante muitas gerações, gente digna e honrada que deu vida a este local da cidade de Ponta Delgada. Eles não aceitariam o vergonhoso “rebuçado” de um mísero espaço verde ou de outra cor qualquer.

O dr. José Manuel Bolieiro, agora como presidente do Governo Regional, poderia ter travado o projecto do hotel para a Calheta, em franca negociação com a empresa promotora, tratando-se de terreno público que está apenas concessionado. Existem outros locais na cidade mais apropriados para o efeito. É um crime o que vai ser feito, contra a Calheta e os seus habitantes. Pelos vistos, nesta terra a memória histórica já vale muito pouco ou mesmo nada, desde que existam avultadas contrapartidas financeiras. Como temos visto, há políticos de vários partidos que colocam, com demasiada facilidade, o açorianismo bem no fundo da “gaveta”, em nome das tais estratégias e lógicas que o povo não conhece bem, nem muito menos entende. Assim não vamos longe! Tal comportamento é uma tremenda traição ao nobre e superior ideal da Autonomia político-administrativa regional.

Se alguém nesta terra fez alguma coisa de positivo pela Calheta foi a dr^a Maria José Lemos Duarte, do PSD, quando foi presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, ao ordenar a demolição de estruturas ilegais e arruinadas. O “prémio” foi ser “empurrada” depois do cargo de presidente da Assembleia Municipal. De resto, estou em crer que ela queria fazer mais pela Calheta, mas que não a deixaram. Ela faz “sombra” a alguns, o que ajuda a explicar muita coisa...

O grande erro começou com a destruição e o entulhamento da enseada e do portinho de pesca da Calheta, por decisão de um Governo Regional do PSD presidido pelo dr. Mota Amaral. Era o que restava da orla marítima original da cidade de Ponta Delgada. O prolongamento da avenida litoral poderia ter sido realizado construindo naquele local uma pequena ponte. Depois os Governos Regionais do PS chefiados por Carlos César acrescentaram um mal ao mal já existente, ao entregarem sob concessão a um privado o espaço público conquistado ao mar. Claro, os milhões a brilharem! Projectaram para o local umas galerias comerciais, que nunca foram concluídas e acabaram abandonadas, por várias vicissitudes empresariais.

Quando se pensava que, finalmente, a Calheta seria devolvida à população, para usufruto geral como grande praça ou jardim, veio o anterior Governo Regional socialista - ou não tanto... - impor a construção naquele local de um monstruoso hotel, restando um limitado espaço verde, talvez bom para plantar couvinhas ou para os cães fazerem as suas necessidades...A falta de coerência e de correção do PS, neste caso como em outros, cansou muitos açorianos, pelo que os votos dispersaram-se e o PS foi relegado para a oposição. É a maior força política nos Açores, mas perdeu o poder, porque a direita juntou-se e formou uma “geringonça”, de resto muito “geringonça”, porque muito periclitante...Se o PS tivesse governado melhor e tivesse dialogado mais com a população, tal não teria acontecido. Oxalá tenha aprendido tamanha e tão humilhante lição!

Quero deixar bem claro que não responsabilizo a entidade empresarial promotora dessa obra tão prejudicial à Calheta, em particular, e à cidade de Ponta Delgada, de um modo mais geral. A empresa está no seu legítimo papel e faz apenas o que os políticos deixam fazer, agradecem que se faça e querem mesmo que se faça, dentro da lógica do “quero, posso e mando”. A população, essa, quando não convém, não conta para coisa alguma. Ainda há em Portugal resquícios ditatoriais.

Quando o hotel for inaugurado - uma autêntica muralha de betão que tapará o velho, típico e histórico casario da Calheta -, certamente aparecerão na primeira fila os que traíram a Calheta e até, se calhar, serão homenageados. Alguns até se fizeram passar por defensores da Calheta, para depois virem dizer que o hotel seria um “mal menor”, quando, em boa verdade, é um mal enorme. Quiseram ficar bem perante os políticos e o promotor do hotel. Os que traíram a Calheta poderão ser louvados, mas a História, no seu justo e infalível critério, não os perdoará. Não tenho dúvidas sobre isso!

Quanto ao alegado “Movimento Queremos a Calheta de Volta”, aderi inicialmente e depois retirei-me, muito desiludido, porque esperava muito mais em termos de ação e intervenção. Os resultados foram mesmo muito parcos, para não dizer nulos, como a realidade mostra bem. Esse “Movimento”, de resto pouco organizado, extinguiu-se ou silenciou-se. Poderia ter sido, como se esperava, um exemplo de cidadania activa, não para fazer oposição política, mas para fazer valer a sério os valores da Calheta e dos seus habitantes. Lamento dizer, mas, infelizmente, tal não aconteceu.

Inspirando-me nas célebres palavras do famoso estadista, militar e escritor britânico Winston Churchill, eu diria que no local onde o hotel vai ser construído, que antes era mar, caíram certamente suor, lágrimas e talvez também sangue dos antigos pescadores (alguns foram meus colegas na Instrução Primária, seguindo a profissão dos pais e avós) na sua dura labuta de sempre. Por isso, pela minha parte, modestamente, gostaria de colocar uma bonita coroa de flores junto a esse futuro hotel, não por gostar do hotel obviamente, mas em sentida e comovida homenagem aos moradores da Calheta já falecidos, quase todos pescadores, que foram um grande e notável exemplo de trabalho, de luta pela vida e de amor a esta zona cidadina. Repito, de amor a esta zona cidadina: é precisamente o que faltou e tem faltado a vários decisores políticos, que tudo justificam com o progresso, quando aquilo não é progresso algum. É apenas puro negócio: para o Governo Regional, que recebe milhões de euros do concessionário, e para o concessionário, que vai explorar (mais) um hotel e ganhar também uns milhões. É tudo, pois, um “jogo” de milhões. O povo, que é o verdadeiro e legítimo dono da Calheta, não recebe nada, a não ser desconsideração. Querem que Ponta Delgada seja Capital Europeia da Cultura: com tamanho crime urbanístico, ambiental e cultural vai ser a correr e a saltar...

Orgulho-me, sinceramente, de ter defendido sempre a Calheta de Pêro de Teive, quer nas redes sociais quer na imprensa, contra um desmando sem perdão. Não ganhei nada com isso, até pelo contrário, mas sinto-me confortável na minha consciência pessoal e na minha cidadania de açoriano dos quatro costados. Penso que nem todos poderão dizer o mesmo...A Calheta do mar e dos pescadores, na sua beleza e na sua simplicidade, existirá sempre no meu coração!